



*Admonet in somnis et turbida terret image.*

Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

LISBOA 22 DE ABRIL.

Vimos na questão da interferencia que a assembléa dos *nota reis* depois de muita fanfarrice se curvára ás condições propostas pelo gabinete britannico, a fim de obter d'elle a mediação; vimos depois que o conselho d'estado votára *unanime* pela acceitação das propostas, procurando comtudo modifica-las; e vimos por fim que a còrte, estribada no voto de tres ministros ignorantes e ineptos, abraçára o partido da guerra *sempre com a intenção doble de rejeitar a mediação no caso de victoria, e de a acceitar no caso de um revez.*

Não nos enganámos. O *Espectro* como o enviado de Deos não pôde proferir senão verdades. Nada lhe é occulto. Mal os ministros concebem um pensamento peccaminoso já elle o sabe; mal praticam uma acção desairosa já elle a revela. Os registros das secretarias, as notas dos embaixadores, os segredos do paço, tudo lhe é patente. O *Espectro* vê tudo, e ninguém o vê a elle. Está em toda a parte como Deos, porque é emanação d'elle. Põe a mão sobre o coração do paiz, e conta todas as suas palpitações. Por isso é que interpreta bem as suas necessidades.

Assim o reconhece já a folha official do governo, que não ousa contrariar-nos. Confundindo cousas distinctas quiz achar contradicção aonde não havia senão coherencia. Dissemos sempre que só dois membros do governo haviam votado pelas propostas conformando-se com a opinião da maioria convocada, e asseverámos que a còrte se determinára pela guerra contra a vontade dessa maioria. E assim se passou na verdade.

Tudo para a còrte é deshonoroso, tudo para ella tem seus perigos. As condições são aviltantes, porque são uma censura ao ministerio, e a santificação da causa popular: tem seu perigo rejeita-las porque o throno da rainha pôde succumbir nessas batalhas que dá contra o povo sem a acquiescencia dos seus servidores mais fieis. A guerra salva o brio dos ministros, convém aos seus caprichos; a guerra é logica para elles; mas a guerra é indecente para quem censurou sempre a emboscada de 6 d'Outubro,

e para quem presa mais o throno da rainha que as veleidades ministeriaes, e que as conveniencias dos partidos.

A questão é se um rei que commanda um exercito, e é vencido, ha de ficar rei: a questão é se uma rainha a quem se offerecem condições de paz, que as não acceta, deve ficar rainha, se não esmaga os seus subditos contra os quaes manda marchar os seus exercitos apesar do voto unanime do seu conselho em contrario: a questão é se o poder moderador que demittiu em 6 d'Outubro um ministerio que o salvára, não é cúmplice nos males da patria conservando um que lhe trouxe a guerra.

Para a gente cordata, que não professa os nossos principios, a rainha valia mais que o seu ministerio; a paz publica era preferivel aos caprichos d'uma pandilha. A logica era sacrificada ao throno. Os irrationaes triunfaram, e o Farinho, e o perna de páu, morrem com a triste gloria de terem levado atraz de si um throno.

Haja pois guerra, mas fiquem certos de todas as suas legitimas consequencias.

A còrte com a sua intenção damnada não se atreveu a responder que não accitava a mediação — e encarregou o barão de Renduffe e I. L. Bayard de tractarem com sir G. H. Seymour a modificação dos artigos propostos.

Sabemos quaes são as modificações que o governo deseja obter; mas tambem sabemos que não o consegue. «Resiste a declarar em vigor «desde já a carta constitucional com todas suas «garantias politicas e individuaes, porque (diz) «seria isso o mesmo que desarmar o governo «da força que precisa, não sendo possivel sustentar-se qualquer ministerio apenas fossalivre «a imprensa e soltas as pessoas que por precaução se acham presas desde Outubro para cá. «E que por conseguinte se deverá entender que «a carta constitucional só se pôde pôr em vigor desde que o paiz se julgar pacificado.

«Que em quanto á nomeação do novo ministerio se deve attender a que similhante posição é attentatoria da prerogativa real; e «que de mais se a rainha fôr constrangida a «não nomear pessoas que tenham mostrado adherencia ao systema de 6 de Outubro, só se

« poderá servir das que teem militado nas fileiras da opposição ao governo. E que por tanto se deverá eliminar este artigo.

« Que a prompta convocação das côrtes offerece a mesma difficuldade! que o restabelecimento prompto da carta constitucional, pois que no actual estado de cousas se elegeria uma camara composta toda da opposição.

« Que a annullação de todos os actos exorbitantes trazia graves difficuldades, offendendo-se interesses creados á sombra desses actos exorbitantes.

« Que a restituição de todas as honras, e em pregos aos revoltosos era a canonisação da revolta, e que isso poderia ficar dependente de um acto de clemencia da rainha, que não fosse com tudo applicado aos principaes chefes; entendendo-se isto mesmo dos deportados para a costa d'Africa.

« Em resumo — a côrte propõe que a rainha dê uma amnistia como entender quanto ao tempo e pessoas; e que a execução do systema constitucional fique dependente da sua vontade, sendo estas condições impostas ás forças populares, comprometendo-se a Inglaterra a compelli-las a recebe-las.»

A mediação por este preço era barata. Esmagava-se o povo, e ficava em pé o despotismo. Mas o accordo assim é impossivel. O gabinete britannico diz: — « para terdes a paz observai a constituição, convocai as côrtes; sede juntos e eu intercederei para que vossos adversarios desarmem. » A côrte responde: — « Não posso observar a constituição porque me falta a paz, nem convocar a representação nacional porque essa representação me prejudica. » Assim é inevitavel a continuacão do conflicto. Os estrangeiros entendem que a guerra preveiu da inobservancia da carta; a rainha quer que acabe a guerra para nos dar as garantias da carta! Responde á questào com a questào.

O primeiro intuito da côrte foi rejeitar inteiramente a mediação com taes condições, mas sujeitou-se depois a tractar das alteraçõs porque recebeu da Hespanha despachos no sentido dos do governo inglez, aconselhando a rainha a entrar na estrada da justiça, porque só desse modo é que a Hespanha poderia fazer-lhe bons officios.

Esta é a posição do gabinete em relação ás potencias estrangeiras.

Mas para obter a mediação era necessario não continuar a guerra. Convinha-lhe estar só na defensiva, e nunca tomar a offensiva. Se a côrte espera poder por uma vantajem obtida sobre os seus contrarios arranjar só os negocios do paiz, deve lembrar-se que os contrarios tambem assim pensam.

E o caso é que todos pensam bem, salvas as consequencias. O gabinete de Londres acce-

dia aos desejos de mediação por duas causas — 1.ª por desejar valer a uma rainha angustiada e que se soccorria á sua protecção desconfiada do valor dos seus vassallos — 2.ª porque presumia que nenhum dos partidos podia vencer o outro. Ora logo que a rainha não aceita a mediação segundo as condições propostas, cessa a primeira rasão; e derrotado o seu exercito, cessa a segunda, vindo a ser indifferente para os inglezes que governe a côrte ou a junta do Porto, com tanto que acabe a guerra civil que nos assolla.

A conclusão é que a côrte faz hoje a guerra por sua conta, e que arrisca nella a corõa e o throno da rainha. As potencias estrangeiras não lhe valem nem querem esposar a causa della porque é a da injustiça; os povos desamparanna porque é a do despotismo. E esse revez não nõ chorarão os nobres, que estão proscriptos; não nõ chorará o povo, qua está oppresso. E quem sabe! Talvez nem sequer o chore essa meia duzia de empalmadores por quem e para quem se tem feito tanto mal.



Hontem sahio d'Almada a columna commandada pelo ex-conde de Vinhaes. O commandante em chefe ía passar-lhe revista ao meio dia, e a columna já havia partido! Se foi espartezza nunca houve cousa que se parecesse mais com tolice.

As forças de Setubal, do commando do visconde de Sá, achavam-se prevenidas. Caçadores ã viera occupar Palmella: os outros corpos achavam-se nas posições que lhes foram indicadas.

No dia 20 chegaram a Setubal 400 homens do batalhão de Monchique.

Os vapõres da junta andam ahi fóra da barra, e diz-se que teem aprisionado alguns hiates do governo.

A náu *Vasco da Gama* está a armar. Não tem marinheiros. Andam-se a prender gaiatos e aguadeiros, que chegam a bordo de sacco ás costas, e vem logo para terra.

Correm hoje diversas noticias todas favoraveis á nossa causa. Diz-se que houvera fogo das 7 horas da manhã até ás 11 nos piquetes avancados. Diz-se que de tarde o tornára a haver. Dão-se como aprisionados alguns piquetes cabralistas.

O *Espectro* não garante a veracidade de nenhuma destas noticias, nem as nega. Tem fé em Deos, e confiança na victoria. O que nós queriamos era que as tropas do governo sahissem das trincheiras, e fossem ver as barbas ao inimigo, do qual já teem fugido tres vezes.

O que é verdade é que os cabralistas andam cabisbaixos, e que teem recebido noticias pelos postilhões do governo. Se houvesse não diremos

vantagem delle mas uma lucta travada e indecisa já tínhamos o annuncio de supplemento.

Tivemos folhas do Porto até 19 e cartas até 20. Eis-aqui o que diz o nosso correspondente:

« Porto 20. — Partiu Domingo para o Alemtejo o vapôr inglez *Falion*, ao serviço da junta: levou a seu bordo o major Montenegro. Saldanha está do mesmo modo; mandou apenas 600 homens para a Figueira com destino de embarcarem talvez para ali.

« Casal tem ha tres dias bagagens carregadas em Villa Real. Fez constar ás auctoridades que se preparassem pois que elle ía retirar, e segundo todas as probabilidades passará á Beira. Ha grande desintelligencia entre o Casal e o Cabral (mouco).

« Parece que as nossas forças d'Amarante e Penafiel marcham para além do Tamega; pelo menos ha todos os preparativos para isso. O conde das Antas partiu hontem com caçadores 2 e 80 cavallos para Penafiel, e hoje toda a força tem ordem de marcha. Creio que effectivamente já sahiu alguma na mesma direcção.»

O extracto das folhas é o seguinte:

« A junta querendo distinguir e louvar os cidadãos que nesta lucta mais se extremarem por illustres feitos d'ármas houve por bem, por decreto de 12 do corrente, crear uma nova ordem militar intitulada — Legião Nacional — Esta ordem comprehenderá tres grãos, cavalliros, officiaes, e commendadores, cujo numero será indefinido.

Domingo 11 o general conde das Antas, já completamente restabelecido do seu grave padecimento, passou revista a uma bella divisão no campo de Santo Ovido.

A expedição do visconde de Sá na sua viagem para o Sul apresionou um navio que ía para a Figueira, e um official do regimento 14, que ía nelle com officios do Saldanha.

No dia 13 entraram no Porto 80 e tantos voluntarios vindos de Traz-os-Montes. — Aonde o governo de Lisboa quer fazer um recrutamento, d'ahi sabem novos soldados para o exercito nacional — ainda os mais indifferentes preferem servir a junta do Porto do que o partido cabralista.

No dia 13 alli tinha chegado o batalhão de Moimenta da Beira, de que é commandante o tenente coronel F. de M. P. Mergulhão.

Constava no Porto que o governador civil de Aveiro havia retirado desta cidade, e as mais auctoridades preparavam-se para o mesmo.

O castello de Vianna ainda resistia; mas por officios recebidos no quartel general do conde das Antas constava que os sitiados estavam nos maiores apuros e desalento. No dia 10 apenas responderam com um tiro ao fogo que lhe di-

rigiram os sitiantes, e o projectil que lançaram em logar de ser balla era um seixo. No dia 11 houve de fóra para dentro um vivo fogo a que elles não responderam nem com um tiro. Nesse dia deixaram pela primeira vez d'arvorar bandeira no castello, não apparecendo nas muralhas senão as sentinellas. Lançaram-se-lhes para dentro os jornaes que publicam as correspondencias interceptadas, o que deve ainda tê-los desanimado mais. A. P. dos Reis confessa n'uma carta que lhe foi interceptada estar com sérios cuidados sobre a triste posição do castello de Vianna.

Saldanha permanecia em Oliveira de Azemeis, com a tropa bastante indisciplinada. O regimento 14 quiz revolucionar-se, chegando a dar vivas á rainha, e pedindo o pret, e fóra os ladrões. Destas forças todos os dias fogem soldados para o Porto. Cinco que se apresentaram no dia 12 vindos da divisão do ex-barão do Casal affirmaram que neste mesmo dia deviam pernoitar em Valongo cento e tantos camaradas com quem tinham combinado a partida para aquella cidade, mas que procurando diversos caminhos elles se adiantaram mais um dia.

Já démos noticia da chegada do José Cabral, e da sahida do Dietz, destes *duo fulmina nostri imperii*. Mas teem occorrido depois disso casos que ao publico convém sabe-los.

O Dietz partiu finalmente. Era uma exigencia da revolução, mas se a rainha despediu aquelle *servo mão* é forçoso que reconheça a justiça da revolução popular, e se desligue dos homens que aquelle valido lhe metteu no paço, abandonando o systema que elles teem seguido.

No dia da chegada do paquete estava a rainha em palacio quando o barão de Rilvas chega, e dá parte que estava alli José Cabral. Eis e dialogo interessante que então houve:

Barão — « Senhora, alli está José Cabral.»

Rainha — « O barão está a gracejar.»

Barão — « Não, senhora. eu não tenho confian-

ça para gracejar com V. M.»

Rainha — « Diga-lhe que estou incomodada

« . . . . Não. . . . que entre. . . (Pensativa

e á parte) Pensam que estou pouco compro-

« mettida, ainda me querem comprometter

« mais.»

Chega o Cabral. entra; beija a mão á rainha e ao rei, e tudo fica silencioso. Ninguem proferir palavra.

José Cabral — « Senhora, V. M. determina al-

« guma cousa de mim?»

Rainha — « Que vos refereis.»

A rainha queixa-se dos ministros, o Tejal que se achava presente jura que não sabia nada; manda-se chamar o D. Manoel de Portugal:

e este protesta que nem elle nem os seus collegas sabem cousa alguma (a).

Rainha — « Pois é preciso que esse homem se vá embora, e que parta dentro de 24 horas. »

D. Manoel — « Então será preciso intima-lo. »

Rainha — « Pois intimai. »

D. Manoel — Mas, senhora, 24 horas será muito breve. Não bastaria que partisse no paço quiete? »

Rainha — « Pois sim — que parta. »

Passaram-se as ordens ao governador civil. O Marquez de Fronteira foi em pessoa fazer a citação. Diz-se que ia de parte de S. M. insinuar-lhe que sahisse do reino. O Cabral perguntou se era insinuação ou ordem. Respondeu-se-lhe que era ordem. Depois de muito *dize tu, direi eu*, satisfação para aqui, satisfação para alli, despediram-se um do outro, e apesar da ordem, o homem sumiu-se e ficou.

Nós folgamos com aquelles respeitos de amor e lealdade á rainha.

Neste meio tempo o ex-conde de Vinhaes dizia no paço que se o Cabral não sahisse elle embaixava a sua espada.

São ridiculos todos esses amuos. Nenhum delles val mais um que o outro. O systema do Saldanha é o do Cabral, os servidores são os mesmos. Quererem mais a este do que áquelle são uns ciumes pequenitos que não prestam para nada. José Cabral fez bem desobedecendo áquelles que já rojaram a seus pés. E nós ficamos porque elle ha de sahir brevemente sem ser preciso intima-lo. A Maria da Fonte tem umas contas para ajustar com elle. Mas socegue que não hade ser elle só: os seus perseguidores irão tambem.

Com tudo o illustre recém-chegado não descança no seu retiro, e ahi publica um papel intitulado *Brado da Lealdade*, que é uma censura amarga ao ministerio e á proclamação dos homens energicos, entre os quaes figura elle, Castilho, perna de páu, Lopes de Lima, Pereira de Mello e outros caracteres de ferrugenta memoria.

Nós folgamos com essa publicação. Ao governador civil de 1844, e ao ministro da justiça de 1845 ha-lhe de saber agora bem esta liberdade de escrever que então perseguiu, ha de estranhar por certo a perseguição que agora soffre igual á que elle fez soffrer aos outros.

Mas vamos ao nosso ponto.

(a) São uns ineptos. O *Espetro* já sabia que o José Cabral fóro chamado para lér o numero na loteria do Tojal, e assim o escreveu a 12 d'Abri! no seu n.º 40. O *Espetro* é como Epaminondas, que nem zombando mentia. Quando elle diz que as cousas estão feitas, estão feitas; e quando diz que não de acontecer, acontecem.

O papel cabralista diz o seguinte:

« Os nossos inimigos (os populares) ganharam moral e effectivamente o terreno que tão incompreensivelmente nós temos perdido. Os nossos inimigos organisaram-se, alcançaram meios pecuniarios, armas e equipamentos, e o de que mais instantemente careciam: moveram-se, alargaram a ariá das suas operações, enviaram uma expedição ao Algarve, e acham-se não longe das portas da capital!!!

... « Os nossos ministros clamaram que nós só nos estrangeiros podiamos achar salvação, recorreram aos inglezes, e os inglezes se prestaram ao que se lhes pedia, em quanto de Inglaterra não chegassem ultteriores resoluções. « Estas chegaram; e o que diziam? impunham condições, a que chamaram conselhos, aviltantes, deshonorosos, indignos de serem escutados por quem presa em alguma cousa o decoro! Taes conselhos não foram admittidos porque a rainha de Portugal para ser generosa e munificente não carece de conselhos alheios. « Entretanto acham se nomeados dois diplomatas portuguezes para dar e receber explicações, e de accordo com o ministro inglez e coronel Wilde formar uma convenção.

« E haveria motivo para obrar com tanto desaccordo e desdourar assim a causa da rainha? « Não.

... « É fóra de duvida que um agente inglez que se acha nesta corte e tem entrado com as primeiras auctoridades, e até no paço da nossa rainha creou um systema de terror que pôe por obra mediante certos inglezados. ... Este ardil continúa, e este ardil é a alavanca de que o agente britannico e os seus partidarios mais esperam. ... Propostas infamantes, absurdas, deshonorosas, quaes as que nos foram offerecidas, não pódem nem devem ser admittidas, seja qual for o preço porque no-las comprem; e se Inglaterra intendeu que devia sacrificarnos ao seu autojo contra a França e sobre tudo contra a Hespanha por causa do casamento Montpensier, nós, a ter de succumbir, val mais que succumbamos salva a honra. Se a junta do Porto, ajudada como tem sido dos inglezes, triunfasse, o seu triunfo não lhe assegurava maiores vantagens do que as que lhe fazem boas as propostas que nos foram dirigidas pelo gabinete de Londres. »

Eis-aqui o que escrevem os cabralistas, e que concorda no essencial com o que toda a gente sabe, com o que o *Espetro* publica. Deshonra e aviltamento para o ministerio, compromettimento para a coròá que é involvida nessas luctas de sangue, nessas contendas fraticidas que assollam o paiz.

Nós só registramos os factos para tirarmos delles as necessarias consequencias no dia grande que está quasi a chegar.